

O baixo-astral é amplo e irrestrito

A reprovação às políticas do governo Fernando Henrique Cardoso apontada pela pesquisa **JB-Vox Populi** não é uma prerrogativa exclusiva do eleitor comum e anônimo. Se Marcos Coimbra enviasse seus pesquisadores à Esplanada dos Ministérios, garantindo a importantes figuras o mesmo anonimato assegurado ao pesquisado da rua, haveria certamente coincidência na avaliação dos desempenhos.

Poderia até mesmo estender a pesquisa ao Palácio da Alvorada, pois ali, tirando o presidente, cuja fleuma não faz nunca concessões à aflição, mora gente que não esconde dos mais próximos o mesmo desconforto e inquietação. E o testemunho é dado por ministros que, amigos da família, asseguram compartilhar das opiniões pouco otimistas emitidas por portadores do sobrenome Cardoso. Só conversam sobre isso com menos desenvoltura porque o governo representam.

As avaliações variam no grau de pessimismo e também não são iguais as propostas de solução. Mas o fato é que não há na República quem acredite que o governo vai bem. Até mesmo na área econômica, num setor dela que nada tem a ver com política — a não ser quando dos políticos recebe ataques frontais —, existe a convicção a respeito da necessidade de alterações urgentes.

E os pontos apontados como falhos coincidem quase que totalmente com aqueles que a pesquisa apontou como fruto da insatisfação popular. A exceção reside no combate à inflação. Enquanto a população dá média 4,9 à condução da economia, no governo ainda vigora unanimidade quanto ao seu sucesso. E os fatos indicam que, nesse ponto, a avaliação interna não está errada.

Inflação baixa, não resta dúvida, é fonte de grande tranquilidade. O problema é que, na percepção geral, isso não basta. Um instituto de pesquisas de São Paulo — que tem como cláusula contratual com seus clientes o sigilo do trabalho — tem apurações recentes feitas nas classes C, D e E, que apontam resultados semelhantes ao da pesquisa Vox Populi.

O povo mais pobre aprova o Real. E aprova tanto que gostaria de ter no bolso mais notas dele disponíveis. Esse trabalho trata muito da sensa-

Pesquisas mostram que o Real não é mais um cabo eleitoral de eficiência a toda prova

ção que as pessoas têm em relação à situação geral, procurando não colocar diante do pesquisado temas específicos.

São pesquisas de grupos onde as pessoas discutem livremente as questões mais gerais de suas vidas. No tabulamento final não entram aqueles assuntos a respeito dos quais os entrevistados não apresentaram posições claras e de consenso.

Um exemplo foi a reeleição. O tema entrou nas discussões, mas os pesquisadores desconsideraram essa parte simplesmente porque as posições, além de contraditórias, traduziam um absoluto desconhecimento a respeito do que significa a reeleição no cotidiano do cidadão.

A mesma contradição, no entanto, não foi observada com relação a uma aflição presente em todos os depoimentos: a insegurança quanto ao futuro. Algo assim: agora que a inflação baixou, o que vem por aí?

O medo do desemprego é agudo. E ninguém falou de índices oficiais. A medida dessa insegurança surgiu da vivência do dia-a-dia profissional de cada um, onde — seja por medidas de contenção, seja pela entrada de novas tecnologias nos locais de trabalho (as pessoas confessaram-se apavoradas com a concorrência do computador), seja pela ameaça velada ou explícita de demissão — todos sentem próximo o ar frio da possibilidade do desamparo.

Esse tipo de situação, que é o desemprego latente, amedronta mas demora a se transformar em dados estatísticos do desemprego medido em percentuais. Isso quer dizer que os indicadores podem não estar altos, mas a sensação na vida real é mais forte do que eles.

Outro dado, que talvez explique o baixo índice de apoio ao item inflação na pesquisa Vox, é a impressão generalizada de que os preços sobem enquanto o contracheque permanece o mesmo. E é por esse motivo que a pesquisa também captou a descrença crescente nos sindicatos. Como não há aumentos salariais, as pessoas tendem a acreditar menos na eficiência de lideranças sindicais.

De descrença em descrença — no governo, nos sindicatos, na estabilidade dos preços, nas vantagens tecnológicas, no padrão etc. — vai se formando um clima geral de desencanto, desânimo e desejo por mãos firmes e braços fortes capazes de dar um recado de esperança mais entusiasmante que a repetição pura e simples de que tudo vai bem porque as coisas fazem parte de um processo cujo final feliz está ali, bem atrás das reformas tal pote de ouro no fim do arco-íris.

É nesse ambiente que o instituto paulista detecta hoje a possibilidade de, em eleições municipais, ser aberto um espaço para a politização nacional dos debates. Na cabeça do eleitor, ainda o melhor candidato será aquele que apresentar soluções administrativas mais atraentes. Mas, segundo essa pesquisa, pelos menos algo entre 15% e 20% do eleitorado poderá ser sensibilizado com o discurso político de oposição.

O que quer dizer o seguinte: o Real ainda é bom companheiro de palanque, mas errará quem o considerar um cabo eleitoral de eficiência a toda prova.